

Ano 21 • Número 23 • 10 de junho de 2019

Atividade industrial gaúcha voltou a crescer em abril

A trajetória, porém, é oscilante e de estagnação desde o início do segundo semestre de 2018.

Má alocação de recursos em educação é trava para o desenvolvimento

Estimativa aponta perda de US\$ 329 milhões com a recessão argentina

FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO RIO GRANDE DO SUL

Av. Assis Brasil, 8787 Fone: (051) 3347.8731 Fax: (051) 3347.8795

UNIDADE DE ESTUDOS ECONÔMICOS

www.fiergs.org.br/economia

As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e inteira responsabilidade dos autores, não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista desta Federação. É permitida a reprodução deste texto e dos dados contidos, desde que citada a fonte. Reproduções para fins comerciais são proibidas.

Atividade industrial gaúcha voltou a crescer em abril

A trajetória, porém, é oscilante e de estagnação desde o início do segundo semestre de 2018.

Segundo a pesquisa Indicadores Industriais do RS, realizada pela FIERGS, o Índice de Desempenho Industrial (IDI/RS) cresceu 2,2% em abril ante março, com ajuste sazonal, recuperando parte da perda (-3,1%) no mês anterior. A média móvel trimestral do índice, usada para aferir tendências e diminuir a volatilidade mensal, mostra estabilidade desde o início do segundo semestre de 2018, confirmando que a atividade do setor passa por um processo de estagnação.

O IDI/RS é um indicador de nível de atividade da indústria gaúcha, sendo obtido a partir de seis componentes. O faturamento real (+7,1%) e as compras industriais (+8,7%) foram os que mostraram as taxas mais expressivas na passagem de março para abril. Já as horas trabalhadas na produção e a utilização da capacidade instalada (UCI) cresceram menos, 0,2% e 0,6 p.p. (para 81,8%), respectivamente, enquanto o emprego e a massa salarial real caíram 0,2% no período.

Em abril de 2019, ante o mesmo mês de 2018, a atividade industrial no RS expandiu 2,5%, o que acelerou a taxa acumulada no ano de 1,7% até março para 1,9% até abril. Mas em doze meses a desaceleração continua – de 2,4% para 2,1%, a menor taxa desde julho de 2018.

A decomposição do IDI/RS mostra que, com exceção da massa salarial real (-2,5%), todos os indicadores registraram alta no primeiro quadrimestre relativamente à igual período do ano passado: faturamento real (+6,2%), compras industriais (+1,9%), UCI (+1,4 p.p.), horas trabalhadas na produção (+0,9%) e emprego (+0,5%).

Nessa mesma base de comparação, sob a ótica setorial, porém, o quadro é muito desigual. Veículos automotores (+16,3%) e Tabaco (+18,6%), positivamente, e Alimentos (-2,0%), Químicos e derivados de petróleo (-1,3%) e Produtos de metal (-2,0%), negativamente, fornecem os maiores impactos no resultado global. Já as contribuições de Borracha e plásticos (+0,9%), Móveis (+0,6%), Bebidas (-0,1%) e Couros e Calçados (-0,3%) são praticamente nulas.

Os Indicadores Industriais do RS de abril mostraram que a atividade do setor continua instável e estagnada, evidenciando as dificuldades enfrentadas após a paralisação dos caminhoneiros, quando foi interrompido o lento processo de recuperação iniciado em 2017.

O principal entrave segue sendo a demanda, afetada internamente pela fragilidade do mercado de trabalho, pela política fiscal restritiva e pelas incertezas no cenário político e externamente pela desaceleração global, sobretudo, pela crise da Argentina. A demanda insuficiente e a pouca previsibilidade, somadas à elevada ociosidade, limitam os investimentos.

Por outro lado, permanece a expectativa de que a aprovação da Reforma da Previdência mudará esse quadro, diminuindo a incerteza e aumentando a confiança, o que, aliado aos juros mais baixos e à ociosidade, abriria espaço para alguma reação.

Indicadores Industriais do Rio Grande do Sul

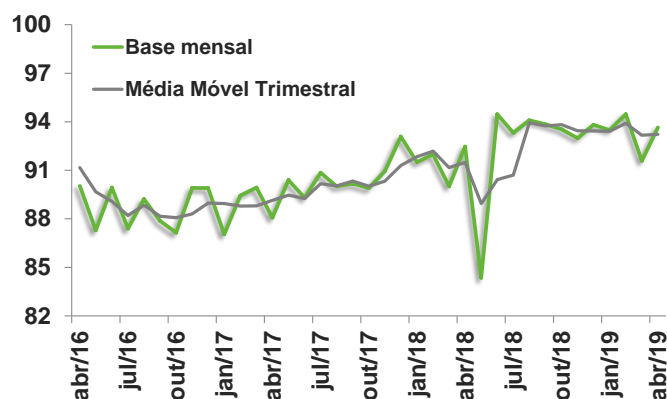
(Variações em % – abril de 2019)

	Variação %		
	Mês*	Mês ano anterior	Ac. ano
Índice de desempenho industrial	2,2	2,5	1,9
Faturamento real	7,1	8,3	6,2
Horas Trabalhadas na produção	0,2	3,1	0,9
Emprego	-0,2	0,3	0,5
Massa salarial real	-0,2	-3,7	-2,5
UCI (em p.p.)	0,6	0,8	1,4
Compras Industriais	8,7	2,5	1,9

* Dessazonalizado

Índice de Desempenho Industrial (IDI/RS)

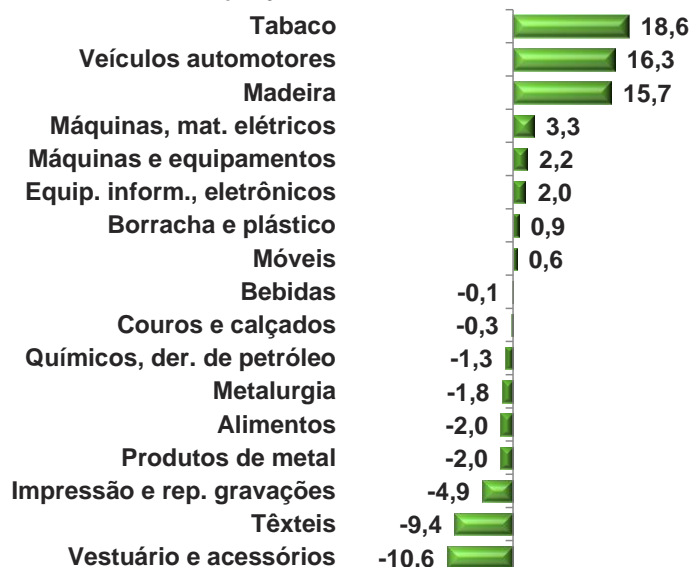
(Índice base fixa mensal:2006=100 e Média móvel trimestral)



Série dessazonalizada

Índice de Desempenho Industrial – IDI/RS – Setorial

(Variação janeiro-abril 2019/18 – %)



Fonte: UEE/FIERGS.

Má alocação de recursos em educação é trava para o desenvolvimento

Segundo o IMD *World Competitiveness Ranking* 2019, que avalia o ambiente favorável aos negócios de 63 países, o Brasil ocupa a 59ª posição, a frente de Croácia, Argentina, Mongólia e Venezuela. Na prática, a competitividade exerce um impacto positivo sobre a riqueza de uma nação. O gráfico mostra que grande parte dos países de renda per capita elevada situam-se à direita, enquanto países de renda média-elevada e baixa acomodam-se no extremo oposto.

No quesito eficiência governamental, o Brasil é o penúltimo do ranking sob a ótica dos indicadores de Legislação comercial, Finanças públicas, Estrutura institucional e societária. Medidas de ajuste fiscal para estabilizar a dívida pública já foram tomadas, como o teto de gastos e a proposta de reforma da Previdência. Outras medidas, como o Simplifica, Emprega Mais e Pró-mercados podem ajudar a desburocratizar a economia através de “um choque de produtividade”, enquanto a continuidade da Agenda BC+ deve reduzir o custo do capital e o spread bancário. O cumprimento da agenda melhora o ambiente de negócios no médio prazo, restaurando a confiança e os investimentos.

No entanto, os maiores desafios à competitividade e ao crescimento no longo prazo estão relacionados à Educação e Produtividade, cujos indicadores situam-se em 61º no ranking. A relação produto por trabalhador é baixa e tem raízes no nível educacional dos brasileiros. Segundo dados do SAEB, os resultados em Língua Portuguesa e Matemática em relação à meta para o último ano do ensino fundamental e médio foram

Estimativa aponta perda de US\$ 329 milhões com a recessão argentina

Desde o ano passado, a economia do Rio Grande do Sul vem sofrendo com a instabilidade macroeconômica da Argentina, um dos principais mercados para os produtos gaúchos. Choques internos, como a quebra de safra de grãos, e choques externos nos mercados globais em 2018 colocaram em evidência a fragilidade dos fundamentos econômicos do País. A expectativa de crescimento de 2,5% do PIB para 2018 foi revisada para uma retração de 2,7%, a inflação fechou 2018 em 47,6% e a Dívida Bruta do Governo Geral saltou de 57,1, para 86,3 em % ao PIB, disseminando um sentimento de aversão sobre os ativos do País em razão do risco de calote. Nem mesmo a venda de Reservas internacionais foi capaz de conter o colapso do Peso e evitar uma crise no Balanço de Pagamentos, sendo necessário o socorro do FMI com um aporte acima de US\$ 50 bilhões.

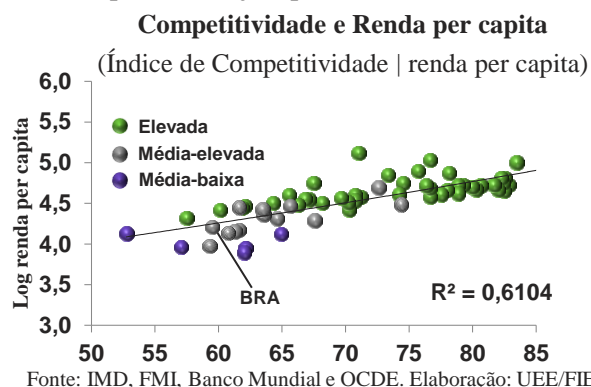
Desde então, completou-se um ano do início da retração paulatina dos embarques de mercadorias do RS para seu principal parceiro produtos manufaturados. Nos últimos 12 meses, houve queda de 43,9% nas exportações, afetando principalmente os setores de Máquinas e equipamentos (-63,2%), Veículos automotores (-58,3%) e Químicos (-30,8%).

Na tentativa de avaliar o impacto da crise sobre o setor exportador do Estado, construímos um modelo em

insuficientes. Pela avaliação do PISA, mais da metade dos jovens de 15 anos também obtiveram desempenho insuficiente em três áreas: Leitura, Ciências e Matemática. Mesmo com resultados tão ruins, os gastos com educação (em % PIB) superam a média dos países da OCDE e concentram-se no ensino superior.

James Heckman, Nobel em Economia, advoga que educação de qualidade na primeira infância é o melhor instrumento para o desenvolvimento de habilidades individuais, contribuindo para alavancar o processo produtivo. No momento onde essa pauta ganha protagonismo, fica claro que a opção das gestões passadas em concentrar esforços na universalização do ensino superior acabou por negligenciar as demais, e gerou queda na qualidade no ciclo básico da educação.

Portanto, se educação influencia a competitividade, e esta é sinônimo de prosperidade econômica, então é preciso repensar no sistema educacional de tal maneira que ensino primário seja a prioridade.



Painel semelhante ao do FMI, que captura fatores macroeconômicos e aspectos naturais intrínsecos ao comércio entre dois países. Para estimá-lo, selecionamos 46 parceiros comerciais que, somados, representam cerca de 95% das exportações totais anualizadas entre 2002 a 2018.

Os resultados revelam alguns aspectos interessantes do comércio bilateral do Estado: o efeito parcial da elasticidade PIB indica que o aumento de 1 p.p no PIB de um País resulta no acréscimo de 0,58 p.p nas exportações totais, enquanto o efeito parcial da elasticidade distância indica que o aumento de 1 p.p na distância entre dois mercados (em log Km) implica na redução de 0,30 p.p. nos embarques do RS. No caso da Argentina, outras variáveis categóricas, como a localização geográfica e o fato de estarmos em uma zona de livre comércio, como o MERCOSUL, agem como facilitador das exportações do RS, colaborando para a redução de barreiras naturais ao comércio.

Sob a estrutura desta modelagem, estimamos que as vendas externas anuais do Estado reduziram-se em US\$ 329,5 milhões em razão da recessão econômica de 2018 na Argentina, e projetamos uma nova redução de US\$ 146,4 milhões para 2019 se o PIB argentino encolher 1,2%, como estima o FMI.